

Da autora de
**SEIS
DE
CORVOS**

LEIGH
BARBERUGO

OTHER
SIDE





AVISOS DE CONTEÚDO

Afogamento

Antissemitismo

Cenas e linguagem explícitas

Drogas

Gore

Morte

Mutilação

Sangue

Trauma sexual

Violência

Violência sexual e de gênero



*Dedicado a Hedwig, Nima, Em e Les —
pelos muitos resgates.*

Ay una moza y una moza que nonse espanta de la muerte
porque tiene padre y madre y sus doge hermanos cazados.
Caza de tre tabacades y un cortijo enladriado.
En medio de aquel cortijo havia un mansanale
que da mansanas de amores en vierno y en verano.
Adientro de aquel cortijo siete grutas hay fraguada.
En cada gruta y gruta ay echado cadenado...
El huerco que fue ligero se entró por el cadenado.

— La Moza y El Huerco

Há uma donzela, uma donzela que não teme a morte
Porque tem o pai, a mãe e doze irmãos caçadores,
Uma casa de três pisos e uma quinta com terreiro,
No meio da quinta, há uma macieira que dá maçãs do amor
no inverno e no verão.
A quinta tem sete grutas,
Todas elas bem protegidas...
A morte entrou ligeira pela fechadura.

— A Morte e a Donzela, Balada Sefardita

UNIVERSIDADE DE YALE

NEW HAVEN, CONNECTICUT



- 1 SKULL & BONES
- 2 BOOK & SNAKE
- 3 SCROLL & KEY
- 4 MANUSCRIPT
- 5 WOLF'S HEAD
- 6 BERZELIUS
- 7 ST. ELMO
- 8 A GAIOLA
- 9 IL BASTONE

- 10 SHEFFIELD-STERLING-STRATHCONA HALL
- 11 ROSENFELD HALL
- 12 ESCOLA DE SILVICULTURA
- 13 BIBLIOTECA BEINECKE DE LIVROS RAROS E MANUSCRITOS
- 14 COMMONS
- 15 VANDERBILT HALL
- 16 LINSLEY-CHITTENDEN HALL



- 17 TORRE HARKNESS
- 18 CASA DO PRESIDENTE
- 19 DRAMAT
- 20 FACULDADE JONATHAN EDWARDS
- 21 FACULDADE GRACE HOPPER
- 22 FACULDADE DE DAVENPORT
- 23 GINÁSIO PAYNE WHITNEY
- 24 CEMITÉRIO DE GROVE STREET
- 25 BIBLIOTECA STERLING

- 26 FACULDADE DE DIREITO DE YALE
- 27 BIBLIOTECA DA FACULDADE DE DIREITO
- 28 INGALLS RINK
- 29 ELIHU CLUB
- 30 ELIZABETHAN CLUB
- 31 MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL PEABODY DE YALE
- 32 LOCAL DA MORTE DE TARA



PRÓLOGO

INÍCIO DA PRIMAVERA

Quando Alex conseguiu tirar o sangue do seu melhor casaco de lã, o tempo já estava demasiado quente para o usar. A primavera tinha chegado com relutância; as manhãs pintadas de azul-claro não ganhavam tons mais vivos, transformando-se antes em tardes húmidas e sombrias, e uma geada teimosa cobria a estrada com merengues altos e sujos. Mas, em meados de março, as faixas de relva entre os caminhos de pedra do Old Campus começaram a libertar-se da neve, emergindo molhadas, escuras e com tufos de ervas emaranhados. Alex deu por si aninhada no banco da janela dos aposentos escondidos no último andar do número 268 de York Street, a ler os *Requisitos Aconselhados para Candidatos a Lethe*.

Dali conseguia ouvir o tique-taque do relógio na lareira e o som da sineta que anunciava a entrada e saída de clientes na loja de roupa do piso de baixo. Os aposentos secretos por cima da loja eram ternamente conhecidos como Gaiola pelos membros da Lethe, e o espaço comercial no rés-do-chão já tinha sido, em diferentes épocas, uma sapataria, uma loja de equipamentos para atividades ao ar livre e um minimercado Wawa, aberto 24 horas por dia, com o seu próprio balcão de Taco Bell. Os diários da Lethe desses tempos estavam cheios de queixas sobre o cheiro a feijão refrito e cebola grelhada que subia pelo soalho — até 1995, altura em que alguém lançou um feitiço sobre a Gaiola e a escada das traseiras que dava para o beco, de modo que cheirassem sempre a amaciador da roupa e cravinho.

Alex descobriu o panfleto com as diretrizes da Casa Lethe nas semanas confusas que se seguiram ao incidente na mansão na Orange Street. Desde então, tinha acedido apenas uma vez ao seu e-mail no velho computador da

Gaiola, e lido a longa sequência de mensagens do reitor Sandow antes de terminar a sessão. Deixou a bateria do telemóvel descarregar, ignorou as aulas e observou as folhas a brotarem dos nós dos galhos como uma mulher que experimenta anéis. Comeu toda a comida que estava na despensa e no frigorífico — primeiro os queijos finos e as embalagens de salmão fumado, depois as latas de feijão e os pêssegos em calda que estavam nas caixas marcadas como RAÇÕES DE EMERGÊNCIA. Quando as provisões acabaram, encomendou comida sem grandes pudores, usando a conta ainda ativa de Darlington. Subir e descer as escadas era suficientemente cansativo para que precisasse de fazer uma pausa antes de devorar o almoço ou o jantar e, às vezes, nem se dava ao trabalho de comer, limitando-se a adormecer no banco da janela ou no chão, ao lado dos sacos de plástico e recipientes embrulhados em papel de alumínio. Ninguém vinha ver como ela estava. Não havia mais ninguém.

O panfleto estava impresso em papel barato, agrupado com agrafos, com uma foto a preto e branco da Torre Harkness na capa e a frase *Nós Somos os Pastores* impressa por baixo. Alex duvidava que os fundadores da Casa Lethe tivessem Johnny Cash em mente quando escolheram o lema, mas sempre que via aquelas palavras, pensava no Natal, deitada no velho colchão no apartamento de Len em Van Nuys, com a sala a girar, uma lata de molho de arando meio vazia no chão ao seu lado e Johnny Cash a cantar: *Nós somos os pastores, atravessámos as montanhas. Deixámos os nossos rebanhos quando a nova estrela apareceu*. Pensava em Len a revirar-se, a deslizar a mão por baixo da sua camisa, enquanto lhe murmurava ao ouvido: *São uns pastores de merda*.

As diretrizes para os candidatos à Casa Lethe estavam escritas na parte de trás do panfleto e tinham sido atualizadas pela última vez em 1962.

Excelente desempenho académico com ênfase em História e Química.

Proficiência em idiomas e conhecimento prático de Latim e Grego.

Saúde física e higiene.

É aconselhada a prática regular de exercício físico.

Mostrar indícios de carácter estável, com tendência à discrição.

Desaconselha-se o interesse pelo arcano, muitas vezes indicador de uma índole «marginal».

Não deve demonstrar repulsa pelas realidades do corpo humano.

MORS VINCIT OMNIA.

Alex — cujo conhecimento de latim era inferior ao básico — procurou o significado deste último requisito: *A morte vence tudo*. À margem, alguém tinha rabiscado *irrumat* por cima de *vincit*, apagando quase por completo o original com uma esferográfica azul.

Por baixo das diretrizes da Lethe, podia ler-se a seguinte adenda: *Os padrões para os candidatos foram flexibilizados em duas circunstâncias: Lowell Scott (Bacharel, Inglês, 1909) e Sinclair Bell Braverman (sem curso, 1950), com resultados duvidosos*.

Outra nota tinha sido rabiscada na margem, com a letra irregular de Darlington, que mais fazia lembrar um eletrocardiograma: *Alex Stern*. Ela pensou no sangue que tingia de negro a alcatifa da velha mansão Anderson. Pensou no reitor — no branco assustador do seu fêmur a sobressair da coxa, no fedor a cães selvagens que enchia o ar.

Alex colocou de lado a embalagem de alumínio com falafel frio do restaurante Mamoun's e limpou as mãos na camisola da Casa Lethe. Coxeou até à casa de banho, abriu o frasco de zolpidem e pôs um comprimido sob a língua. Pôs a mão debaixo da torneira, observou a água a escorrer pelos seus dedos e ouviu o som sombrio de sucção do ralo. *Os padrões para os candidatos foram flexibilizados em duas circunstâncias*.

Pela primeira vez em semanas, encarou a rapariga magoada no espelho salpicado de água, viu-a levantar a camisola, o algodão manchado de amarelo do pus.

A ferida na sua dorsal era um sulco profundo com uma crosta preta. A dentada tinha deixado uma curva visível que ela sabia que cicatrizaria mal, se cicatrizasse de todo. O seu mapa tinha sido modificado. A sua linha costeira alterada. *Mors irrumat omnia*. A morte fode-nos a todos.

Alex tocou ao de leve na pele vermelha e quente à volta das marcas dos dentes. A ferida estava a infetar. Sentiu algum receio, a sua mente focada na autopreservação, mas a ideia de pegar no telefone, pedir boleia para o centro de saúde da universidade — a sequência de ações que cada nova ação incitaria — era opressora, e a pulsação quente e surda do seu corpo a incendiar-se tinha-se tornado quase agradável. Talvez viesse a ter febre e começasse a alucinar.

Olhou para as saliências das costelas, as veias azuis como cabos elétricos caídos sob as contusões que começavam a desaparecer. Tinha os lábios gretados. Pensou no seu nome escrito nas margens do panfleto — a terceira circunstância.

— Os resultados foram mesmo dúbios — disse, apanhada de surpresa pelo som rouco da sua voz. Riu-se e o ralo pareceu fazer eco do seu riso. Talvez a febre já estivesse a fazer-se sentir.

Sob a luz fluorescente da casa de banho, Alex levou a mão às orlas da dentada na sua dorsal e cravou os dedos, beliscando a carne à volta dos pontos até que a dor a envolvesse como um manto, e o desmaio chegasse como uma onda desejada.

Isso foi na primavera. Mas o problema começou numa noite de breu em pleno inverno; a noite em que Tara Hutchins morreu e Alex ainda achava que podia escapar impune.



Skull and Bones é a mais antiga das sociedades secretas, a primeira das oito Casas do Véu, fundada em 1832. Os Bonesmen podem gabar-se de ter mais presidentes, editores, industriais e membros do Executivo do que qualquer outra sociedade (para obter uma lista completa dos seus ex-alunos, consulte o Apêndice C), e talvez «gabar-se» seja o termo certo. Os Bonesmen estão cientes da sua influência e esperam deferência por parte dos representantes da Lethe. Mas deviam lembrar-se do seu próprio lema: *Ricos ou pobres, na morte todos são iguais*. Faça uso da discrição e diplomacia exigidas pelo seu cargo e associação com a Lethe, mas nunca se esqueça que não nos compete alimentar a vaidade das luminárias de Yale, mas sim ser a ponte entre os vivos e os mortos.

— excerto de *A Vida na Lethe: Procedimentos e Protocolos da Nona Casa*

Os Bonesmen veem-se como titãs entre anões, o que é certamente um exagero. Mas quem sou eu para os contrariar quando as bebidas são fortes e as raparigas são bonitas?

— Diário dos Dias na Lethe de George Petit
(Faculdade de Saybrook, 1956)



1

INVERNO

Alex atravessou rapidamente a ampla e estranha planura da Beinecke Plaza, com as botas a baterem com força nos quadrados lisos de betão limpo. O cubo gigante que albergava a coleção de livros raros parecia flutuar por cima do piso inferior. Durante o dia, os painéis brilhavam em tons de âmbar, uma colmeia dourada polida, mais parecida com um templo do que com uma biblioteca. À noite, parecia apenas um túmulo. Esta parte do campus não se encaixava muito bem no resto da Universidade de Yale — sem pedras cinzentas ou arcos góticos, sem pequenas saliências rebeldes de edifícios de tijoleira, que Darlington explicara não serem coloniais, mas apenas projetados para o parecerem. Ele tinha dito que Beinecke havia sido construída para se enquadrar e espelhar este recanto da arquitetura do campus, mas a verdade é que o edifício parecia saído de um filme de ficção científica dos anos 70, e Alex quase contava que os alunos usassem fatos justos ou túnicas demasiado curtas, enquanto bebiam extratos de qualquer coisa e se alimentavam através de cápsulas. Até mesmo a grande escultura de metal, que ela agora sabia ser da autoria de Alexander Calder, lhe lembrava um negativo de um candeeiro de lava gigante.

— É um Calder — murmurou entredentes. Era assim que as pessoas daqui falavam sobre arte. Nada era *de* alguém. Esta escultura é um Calder. Este quadro é um Rothko. Este edifício é um Neutra.

E Alex estava atrasada. Tinha começado a noite com boas intenções, determinada a adiantar o seu ensaio sobre o romance britânico moderno e chegar a tempo ao ritual de previsão. Mas tinha adormecido numa das salas de leitura da Biblioteca Sterling, com um exemplar de *Nostramo* na mão e

os pés apoiados numa conduta de aquecimento. Às dez e meia, acordou assustada, com baba a escorrer pela cara. O seu «Merda!» sobressaltado soou como um tiro no silêncio da biblioteca, e teve de enterrar a cara no cachecol enquanto atirava a mochila por cima do ombro e fugia dali.

Agora, atravessava o Commons, por baixo da rotunda onde os nomes daqueles que tombaram na guerra estavam gravados no mármore e figuras de pedra faziam uma vigília — Paz, Devoção, Memória e, por fim, Coragem, que usava um capacete, um escudo e pouco mais, parecendo-se mais com uma stripper do que uma viúva aos olhos de Alex. Desceu as escadas a correr e atravessou o cruzamento da College com a Grove.

O campus parecia mudar a cada hora e a cada quarteirão, de modo que Alex sentia sempre que estava a vê-lo pela primeira vez. Naquela noite, era como um sonâmbulo, com uma respiração profunda e uniforme. As pessoas com que se cruzava a caminho do SSS pareciam presas num sonho, com os olhos semicerrados, os rostos voltados uns para os outros, vapor a subir dos copos com café que traziam nas mãos protegidas por luvas. Alex tinha a sensação estranha de estar a ser sonhada por essas pessoas, uma rapariga com um casaco escuro que desapareceria quando acordassem.

O edifício do Sheffield-Sterling-Strathcona Hall também estava adormecido, as salas de aula fechadas, os corredores mergulhados numa penumbra que permitia economizar energia. Alex subiu as escadas até ao segundo andar e ouviu o barulho que ecoava de uma das salas. Era ali que o Yale Social exibia filmes todas as quintas-feiras à noite. Mercy tinha afixado a programação na porta do dormitório de ambas, mas Alex nem olhara para ela. As suas quintas-feiras estavam preenchidas.

Tripp Helmuth estava encostado à parede ao lado das portas. O rapaz cumprimentou Alex com um aceno de cabeça pesado. Mesmo na penumbra, ela podia ver que os seus olhos estavam raiados de sangue. Era evidente que tinha fumado antes de ir para ali. Talvez fosse por isso que os Bonesmen veteranos o tivessem colocado de guarda. Ou talvez ele se tivesse oferecido.

— Estás atrasada — constatou. — Eles já começaram.

Alex ignorou-o, olhou por cima do ombro para se certificar de que o corredor estava vazio. Não devia justificações a Tripp Helmuth, e parecia fraca se se desculpasse. Pressionou o polegar num entalhe quase invisível no painel. A parede devia abrir de forma suave, mas estava sempre presa. Alex deu-lhe um empurrão forte com o ombro e tropeçou quando ela se abriu com um solavanco.

— Calma, durona — disse Tripp.

Alex fechou a porta atrás de si e avançou pela passagem estreita no escuro.

Infelizmente, Tripp tinha razão. O ritual de previsão já tinha começado. Ela entrou na antiga sala de operações o mais silenciosamente possível.

A sala era uma câmara sem janelas, situada entre um auditório e uma sala de aula que os alunos de pós-graduação usavam para debates. Era um resquício esquecido da antiga faculdade de medicina, que tinha aulas aqui no SSS antes de se mudar para os seus próprios edifícios. Os gestores do fundo que financiava a Skull and Bones tinham selado a sala e ocultado a entrada com novos painéis por volta de 1932. Tudo factos que Alex tinha lido em *Lethe: Um Legado* quando devia estar a ler *Nostromo*.

Ninguém olhou para ela. Todos os olhos estavam voltados para o Arúspice, que escondia o rosto magro atrás de uma máscara cirúrgica. A sua túnica azul-clara estava salpicada de sangue. As mãos protegidas por luvas de látex moviam-se metodicamente nas entranhas do... paciente? Sujeito? Sacrifício? Alex não sabia ao certo que termo aplicar ao homem que estava na marquesa. «Sacrifício», não. *A ideia é ele viver*. Garantir isso era uma das suas incumbências. Alex iria acompanhá-lo em segurança durante esta provação e levá-lo de volta para a enfermaria do hospital de onde tinha sido retirado. *Mas e daqui a um ano?*, ponderou. *E daqui a cinco anos?*

Alex olhou para o homem que estava na marquesa: Michael Reyes. Tinha lido a sua ficha duas semanas antes, quando foi selecionado para o ritual. As abas do estômago estavam presas com grampos de aço e o abdómen parecia estar a florescer, uma orquídea rosa rechonchuda, aveludada e vermelha no centro. *Não me vão dizer que aquilo não deixa marca*. Mas ela tinha o seu próprio futuro com que se preocupar. Reyes haveria de sobreviver.

Alex desviou o olhar e tentou respirar pelo nariz enquanto sentia o estômago às voltas e a boca a ser inundada por saliva com gosto ferroso. Já tinha visto muitos ferimentos graves, mas sempre em pessoas mortas. Havia algo mais terrível numa ferida viva, num corpo humano preso à vida apenas pelo som metálico e constante de um monitor. Ela tinha gengibre cristalizado no bolso para o enjoo — uma das dicas de Darlington —, mas não foi capaz de o tirar e desembrulhar.

Em vez disso, concentrou o olhar num ponto à distância, enquanto o Arúspice gritava uma série de números e letras — símbolos de ações e

preços de ações de empresas cotadas na Bolsa de Valores de Nova Iorque. Mais para a frente, haveria de passar para o NASDAQ, a Euronext e os mercados asiáticos. Alex não se preocupou em tentar decifrá-los. As ordens para comprar, vender ou manter eram dadas num neerlandês impenetrável, a língua do comércio, da primeira bolsa de valores, da velha Nova Iorque, e a língua oficial dos Bonesmen. Quando a Skull and Bones foi fundada, demasiados alunos sabiam grego e latim. As suas negociações exigiam algo mais obscuro.

— O neerlandês é mais difícil de pronunciar — dissera-lhe Darlington. — Além disso, dá aos Bonesmen uma desculpa para visitar Amesterdão.

É claro que Darlington sabia latim, grego e neerlandês. Também falava francês, mandarim e um português razoável. Alex tinha acabado de começar Espanhol II. Entre as aulas que tinha tido na escola primária e a amálgama de provérbios Ladinos da avó, achava que seria fácil ter boa nota. Não tinha contado com coisas como o conjuntivo. Mas sabia o suficiente para perguntar a Gloria se queria ir à discoteca amanhã à noite.

Uma rajada de tiros abafados ecoou pela parede, vinda da sala ao lado. O Arúspice ergueu os olhos da confusão rosada que era o intestino delgado de Michael Reyes, com uma irritação evidente.

Scarface, percebeu Alex quando a música aumentou e um coro de vozes barulhentas trovejou em uníssono: *Queres foder-me o juízo? Muito bem. Queres fazer isto à bruta?* A plateia acompanhava os diálogos como se estivesse a ver *Rocky Horror*. Ela devia ter visto *Scarface* umas cem vezes. Era um dos filmes preferidos de Len. Ele era previsível nesse sentido, adorava tudo o que fosse *duro* — como se tivesse mandado vir pelo correio um kit de «Como ser um gangster». Quando viram Hellie no passeio marítimo de Venice, com os cabelos loiros como uma cortina aberta para o teatro dos seus grandes olhos azuis, Alex pensou imediatamente em Michelle Pfeiffer no seu vestido de cetim. Só lhe faltava a franja lisa. Mas Alex não queria pensar em Hellie naquela noite, não quando o cheiro a sangue ainda pairava no ar. Len e Hellie faziam parte da sua vida antiga. Não pertenciam a Yale. Bem vistas as coisas, Alex também não.

Apesar das memórias, Alex estava grata por qualquer ruído que abafasse os sons húmidos do Arúspice a vasculhar as entranhas de Michael Reyes. O que viu ele ali? Darlington dissera que as previsões eram em tudo semelhantes ao ato de ler o futuro nas cartas de um baralho de tarot ou num punhado de ossos de animais. Mas parecia tudo menos isso. Parecia algo mais



específico. *Sente a falta de alguém na sua vida. Vai encontrar a felicidade no novo ano.* Este é o tipo de coisas que as cartomantes dizem — afirmações vagas, reconfortantes.

Alex olhou para os Bonesmen, vestidos com mantos e capuzes, aglomerados à volta do corpo na marquesa, o aluno que fazia as vezes de Escriba anotava as previsões que seriam transmitidas aos gestores de fundos e investidores privados de todo o mundo que garantiam a segurança financeira dos Bonesmen e dos seus ex-alunos. Ex-presidentes, diplomatas, pelo menos um diretor da CIA — todos eles Bonesmen. Alex pensou em Tony Montana, na sua banheira de hidromassagem, a perorar: *Sabes o que é o capitalismo?* Alex olhou para o corpo deitado de Michael Reyes. *Tony, não fazes ideia.*

Detetou um movimento rápido nos bancos sobranceiros à sala de operações. O recinto tinha dois Pardos locais que se sentavam sempre nos mesmos lugares, a apenas algumas filas de distância: uma doente mental a quem removeram os ovários e o útero durante uma histerectomia, em 1926, pela qual teria recebido seis dólares se tivesse sobrevivido à operação; e um homem, um aluno de Medicina, que tinha morrido de frio numa casa de ópio a milhares de quilómetros de distância, por volta de 1880, mas que teimava em voltar para se sentar no seu antigo lugar e olhar para a vida que se desenrolava na sala de operações. As previsões só tinham lugar quatro vezes por ano, no início de cada trimestre fiscal, mas isso parecia ser suficiente para ele.

Darlington gostava de dizer que lidar com fantasmas era como andar de metro: *Não estabeleças contacto visual. Não sorrias. Não te envolvas. Caso contrário, nunca se sabe o que pode seguir-te até casa.* Falar é fácil, sobretudo quando a única outra coisa digna de atenção é um homem a mexer nas entranhas de outro homem como se fossem peças de mahjong.

Alex lembrou-se do choque de Darlington quando percebeu que ela não só podia ver fantasmas sem a ajuda de qualquer poção ou feitiço, como podia vê-los a cores. Curiosamente, ele tinha ficado furioso, o que agradara bastante a Alex.

— Que tipo de cores? — perguntara, tirando os pés da mesinha de centro, as pesadas botas pretas a baterem no soalho da sala de estar do Il Bastone.

— Cores normais. Como uma Polaroid antiga. Porquê? E tu, o que vês?

— Eles são cinzentos — respondera, bruscamente. — É por isso que lhes chamam Pardos.

Alex encolhera os ombros, ciente de que a sua indiferença deixaria Darlington ainda mais furioso.

— Isso é irrelevante.

— Só se for para ti — murmurara ele, antes de sair de rompante. Tinha passado o resto do dia na sala de treino, a suar irritado.

Na altura, sentiu-se presunçosa, satisfeita por perceber que nem tudo era assim tão fácil para ele. Mas agora, enquanto se movia em círculos à volta do perímetro do recinto, a verificar as pequenas marcas de giz feitas em cada ponto cardeal, sentia-se apenas nervosa e mal preparada. Era assim que se sentia desde que dera o primeiro passo no campus. Não, antes disso. Desde o momento em que o reitor Sandow se sentou ao lado da sua cama no hospital, bateu nas algemas que lhe manietavam os pulsos com os dedos manchados de nicotina e disse:

— Queremos oferecer-lhe uma oportunidade.

Mas essa era a antiga Alex. A Alex de Hellie e Len. A Alex de Yale nunca tinha usado algemas, nunca se tinha envolvido numa luta, nunca tinha tido sexo com um estranho numa casa de banho para compensar a dívida do namorado. A Alex de Yale passava por dificuldades, mas não se queixava. Era uma rapariga de boa índole que não queria ficar para trás.

Sem grande sucesso. Ela devia ter chegado mais cedo para observar a preparação dos sinais e garantir a segurança do círculo. Pardos tão antigos como os que pairavam naqueles bancos não costumavam causar problemas, mesmo quando eram atraídos pelo sangue, mas as previsões eram uma magia poderosa e o trabalho dela era verificar se os Bonesmen cumpriam as regras e eram cautelosos. Mas tudo aquilo era uma encenação da sua parte. Tinha passado a noite anterior a estudar, a tentar decorar os sinais corretos e as proporções de giz, carvão e osso. Até tinha escrito cartões de memória, tal era o ridículo, e forçou-se a folheá-los enquanto lia Joseph Conrad.

Alex achava que as marcas pareciam estar bem, mas era tão entendida em sinais de proteção como em romances britânicos modernos. Quando participou no ritual de previsão do trimestre de outono com Darlington, tinha prestado a devida atenção? Não. Tinha estado demasiado ocupada a chupar rebuçados de gengibre, a recuperar da estranheza de tudo aquilo e a rezar para não se humilhar ao começar a vomitar. Pensara que teria tempo de sobra para aprender com Darlington a supervisioná-la. Mas ambos se enganaram a esse respeito.

— *Voorhoofd!* — chamou o Arúspice, e uma das Bonesmen avançou rapidamente. Melinda? Miranda? Alex não se lembrava do nome da ruiva, apenas que ela fazia parte de um grupo a cappella feminino chamado Whim 'n Rhythm. A rapariga limpou a testa do Arúspice com um pano branco e voltou para junto do grupo.

Alex tentou não olhar para o homem que estava na marquesa, mas os seus olhos fixaram-se no rosto dele. *Michael Reyes, 48 anos, diagnosticado com esquizofrenia paranoica.* Reyes lembrar-se-ia de alguma coisa quando acordasse? Quando tentasse contar a alguém, será que os interlocutores diriam simplesmente que era louco? Alex sabia o que isso era. *Podia ser eu naquela marquesa.*

— Para os Bonesmen, quanto mais louco, melhor — dissera-lhe Darlington. — Acreditam que isso melhora as previsões. — Quando perguntou porquê, ele respondera apenas — Quanto mais louca a *victima*, mais perto de Deus.

— Isso é verdade?

— *É somente através do mistério e da loucura que a alma se revela* — citara, antes de encolher os ombros. — Os saldos bancários confirmam-no.

— E nós aceitamos isso? — perguntara Alex. — Que as pessoas sejam retalhadas para que o Chauncey possa redecorar a casa de férias?

— Nunca conheci um Chauncey — dissera ele. — Ainda tenho essa esperança. — Tinha feito uma pausa, parado no meio do arsenal, com o semblante carregado. — Nada pode impedir que isto aconteça. Muitas pessoas poderosas dependem do que as sociedades podem fazer. Antes da existência da Lethe, ninguém vigiava estes procedimentos. Por isso, podes lamuriar os teus protestos fúteis e perder a tua bolsa de estudos, ou podes ficar aqui, fazer o teu trabalho e dar o teu melhor.

Mesmo assim, Alex perguntou-se se ele estaria a ocultar alguma coisa, se não seria o desejo de Darlington de saber *tudo* o que o prendia à Lethe com a mesma convicção de um dever cumprido. Mas ficou calada naquela altura e pretendia ficar calada agora.

Michael Reyes foi encontrado numa das camas públicas do Yale New Haven.

Para o mundo em geral, era igual a qualquer outro doente: um vagabundo, daqueles que iam alternando entre alas psiquiátricas, urgências de hospitais e prisões, umas vezes medicado, outras não. Tinha um irmão em Nova Jérquia que estava identificado como o seu parente mais próximo e que

tinha autorizado o que deveria ser uma intervenção cirúrgica de rotina para o tratamento de úlceras no intestino.

Reyes estava ao cuidado de uma única enfermeira chamada Jean Gatdula, que tinha trabalhado três turnos noturnos seguidos. Não pestanejou nem fez alarido quando, devido ao que parecia ser um erro de agendamento, foi destacada para mais duas noites na ala. Naquela semana, os seus colegas podem ou não ter reparado que ela ia sempre trabalhar com uma mala enorme. Era nela que guardava uma pequena geleira que usava para transportar as refeições de Michael Reyes: um coração de pomba para clareza, raiz de gerânio e um prato de azedas. Gatdula não fazia ideia do que a comida fazia ou do destino que aguardava Michael Reyes, tal como não sabia o que acontecia aos doentes «especiais» de quem cuidava. Tão-pouco sabia para quem trabalhava, apenas que uma vez por mês recebia um cheque muito necessário para pagar as dívidas de jogo que o seu marido acumulava nas mesas de blackjack do Foxwoods.

Alex não tinha a certeza se era imaginação sua ou se realmente conseguia sentir o cheiro da salsa picada e polvilhada nas vísceras de Reyes, mas o próprio estômago deu mais um sinal de alerta. Estava desesperada por ar puro, a suar debaixo das camadas de roupa. A sala de operações estava gelada, alimentado por ventiladores separados do resto do edifício, mas os enormes focos de luz de halogéneo portáteis que eram usados para iluminar o procedimento irradiavam calor.

Alex ouviu um gemido baixo e olhou para Michael Reyes, com uma imagem horrível a passar pela sua cabeça: Reyes a acordar e a dar consigo amarrado a uma mesa, cercado por figuras encapuzadas, com as entranhas para fora. Mas os olhos dele estavam fechados, o peito subia e descia num ritmo constante. O gemido prosseguiu, agora mais alto. Seria outra pessoa a sentir-se mal? Mas nenhum dos Bonesmen parecia angustiado. Os rostos refulgiam como luas atentas no recinto escuro, os olhos fixos no que se estava a passar.

O gemido não parava de aumentar, como um vento fraco, agitando a sala e ressaltando nas paredes de madeira escura. *Não estabeleças contacto visual*, Alex advertiu-se. *Espreita só para ver se os Pardos...* Engoliu um grunhido de espanto.

Os Pardos já não estavam nos seus lugares.

Estavam debruçados sobre o corrimão que rodeava a sala, os dedos agarados à madeira, os pescoços alongados, os corpos esticados até aos limites do círculo de giz, como animais ansiosos para beber de um bebedouro.



Não olhes. Era a voz de Darlington, o seu aviso. *Não fixes o olhar.* Era fácil para um Pardo formar um vínculo, apegar-se à pessoa. E era ainda mais perigoso porque ela conhecia as histórias daqueles Pardos. Andavam por ali há tanto tempo que gerações de representantes da Lethe já tinham documentado os seus passados. Mas os nomes deles haviam sido suprimidos de todos os documentos.

— Se não souberes um nome — explicara Darlington —, não podes pensar nele e não ficarás tentada a dizê-lo. — Um nome denotava intimidade.

Não olhes. Mas Darlington não estava ali.

A Parda estava nua, os seios pequenos enrugados pelo frio, como devem ter ficado na morte. Levou a mão à ferida aberta na barriga, tocou na carne com ternura, como uma mulher que indicava timidamente que estava grávida. Não a tinham suturado. O rapaz — e ele era um rapaz, magro e de traços delicados — usava um casaco verde-garrafa que lhe ficava a nadar e calças manchadas. Os Pardos apareciam sempre como estavam no momento da morte. Mas havia algo de obsceno naqueles dois, lado a lado, ela nua, ele vestido.

Todos os músculos dos corpos dos Pardos estavam tensos, os olhos arregalados e fixos, os lábios abertos num bocejo. Os buracos negros das suas bocas eram como cavernas, e era delas que emanava aquele gemido sombrio, não um gemido propriamente dito, mas algo monótono e inumano. Alex pensou no ninho de vespas que tinha encontrado na garagem por baixo do apartamento da sua mãe em Studio City, num verão, no zumbido irracional dos insetos num lugar escuro.

O Arúspice continuava a recitar em holandês. Outro dos Bonesmen levou um copo de água aos lábios do Escriba enquanto este continuava as transcrições. O cheiro a sangue, ervas e fezes pairava denso no ar.

Os Pardos inclinaram-se para a frente centímetro a centímetro, trémulos, os lábios distendidos, as bocas agora muito abertas, como se os maxilares se tivessem deslocado. A sala inteira parecia vibrar.

Mas apenas Alex conseguia vê-los.

Era por isso que a Lethe a tinha incumbido de ir ali; que o reitor Sandow tinha feito aquela proposta irrecusável a uma rapariga algemada, mesmo que a contragosto. Ainda assim, Alex olhou à sua volta, na esperança de que mais alguém compreendesse, que alguém oferecesse a ajuda.

Deu um passo atrás, com o coração a bater forte no peito. Os Pardos eram dóceis, vagos, sobretudo os mais velhos, como era o caso. Pelo menos,

era o que Alex pensava. Seria essa uma das lições que Darlington ainda não lhe tinha ensinado?

Fez um esforço para se lembrar dos poucos encantamentos que Darlington lhe tinha ensinado no semestre anterior, feitiços de proteção. Poderia usar palavras fatais em caso de emergência. Surtiriam efeito em Pardos naquele estado? Devia ter colocado sal nos bolsos, caramelos para os distrair, qualquer coisa. *Coisas básicas*, disse Darlington na sua cabeça. *Fáceis de lembrar*.

A madeira sob os dedos dos Pardos começou a dobrar-se e a ranger. A ruiva que cantava a cappella olhou para cima, sem saber de onde vinha o som.

A madeira estava prestes a lascar. Os sinais deviam ter sido feitos incorretamente; o círculo de proteção não iria aguentar. Alex olhou para a direita e para a esquerda, para os inúteis Bonesmen com as suas ridículas vestes. Se Darlington estivesse ali, fincaria o pé e lutaria, garantiria que os Pardos seriam contidos e que Reyes ficaria em segurança.

Os focos de halogéneo começaram a piscar.

— Vai-te foder, Darlington — murmurou Alex, enquanto girava sobre os calcanhares para se pôr em fuga.

Bum.

A sala tremeu. Alex tropeçou. O Arúspice e os outros Bonesmen olharam para ela, de cara fechada.

Bum.

O som de algo do outro mundo a bater. Algo grande. Algo a que não devia ser dada passagem.

— A nossa Dante está bêbada? — murmurou o Arúspice.

Bum.

Alex abriu a boca para gritar, para lhes dizer que fugissem antes que o que quer que estivesse a conter aquela coisa cedesse.

Os gemidos cessaram repentina e completamente, como se tivessem sido encerrados numa garrafa. O monitor apitou. As luzes zumbiram.

Os Pardos estavam de volta aos seus lugares, ignorando-se um ao outro e a Alex.

Por baixo do casaco, a blusa de Alex estava molhada, encharcada de suor. Ela podia sentir o cheiro forte do seu próprio medo azedo na pele. Os focos ainda brilhavam quentes e brancos. A sala de operações pulsava calor como um órgão cheio de sangue. Os Bonesmen olhavam-na fixamente. Na sala ao lado, os créditos finais passavam no ecrã.

Alex conseguia ver o local onde os Pardos tinham agarrado o corrimão; as lascas brancas de madeira estendidas como barbas de milho.

— Desculpem — disse Alex, antes de cair de joelhos e vomitar no chão de pedra.



Quando finalmente suturaram Michael Reyes, já eram quase três da manhã. O Arúspice e a maioria dos outros Bonesmen tinham saído horas antes para se purgarem do ritual em preparação para uma festa que duraria até depois do amanhecer.

O Arúspice poderia voltar diretamente para Nova Iorque refastelado nos bancos de pele de uma limusina, ou poderia ficar para as festividades e escolher entre as alunas ou alunos, ou ambos, dispostos a satisfazer todos os seus desejos. Tinha-lhe sido dito que «servir» o Arúspice era considerado uma honra, e Alex poderia até concordar — com a dose certa de álcool ou drogas —, mas assim de repente aquilo tresandava a prostituição de jovens ao homem que pagava as contas.

A ruiva — Miranda, como veio a saber, «como a d'A *Tempestade*» — ajudou Alex a limpar o vômito. Tinha sido genuinamente simpática e Alex quase se sentiu mal por não se lembrar do nome dela.

Reyes foi transportado para fora do edifício numa maca, envolto em véus de ofuscação que o faziam parecer um monte de equipamento audiovisual empilhado debaixo de uma lona de plástico. Foi a parte mais arriscada de toda a noite no que diz respeito à segurança da sociedade. A Skull and Bones não se destacava em nada além do ritual de previsão e, claro, os membros da Manuscript não estavam interessados em partilhar os seus encantos com outra sociedade. A magia que sustinha os véus de Reyes abanava a cada solavanco, a maca ficava desfocada, os sons do equipamento médico e do ventilador ainda eram audíveis. Se alguém parasse para olhar com mais atenção para o que estava a ser levado pelo corredor, os Bonesmen teriam graves problemas em mãos — embora Alex duvidasse que fosse algo que eles não pudessem resolver com dinheiro.

Alex estava incumbida de ir ver de Reyes assim que ele voltasse para a enfermaria e, novamente, dali a uma semana, para garantir que este recuperava sem complicações. O ritual de previsão já tinha resultado em vítimas mortais, mas apenas uma desde a fundação da Lethe em 1898, com o intuito de supervisionar as sociedades. Um grupo de Bonesmen matou

acidentalmente um vagabundo durante uma leitura de emergência planeada à pressa após a queda da Bolsa de Valores, em 1929. As previsões foram proibidas nos quatro anos seguintes, e a Bones foi ameaçada com a perda do seu enorme túmulo de tijoleira na High Street.

— É por isso que existimos — disse Darlington enquanto Alex folheava as páginas com os nomes de cada *vítima* e com as datas das previsões nos registos da Lethe. — Somos os pastores, Stern.

Mas ele estremeceu quando Alex apontou para a inscrição numa das margens de *Lethe: Um Legado*.

— «CVM?»

— Chega de vagabundos mortos — disse ele, com um suspiro.

Aquela era a nobre missão da Casa Lethe. Ainda assim, Alex não se sentia muito superior naquela noite, não quando tinha estado a poucos segundos de abandonar Michael Reyes para salvar a própria pele.

Alex foi alvo de inúmeras piadas sobre o jantar que vomitou, composto por frango grelhado e Twizzlers, e ficou no recinto para garantir que os Bonesmen seguissem o que ela esperava ser o procedimento adequado para higienizar o espaço.

Prometeu a si mesma que voltaria mais tarde para espalhar pó de ossos pelo recinto. As lembranças da morte eram a melhor forma de manter os Pardos afastados. Motivo pelo qual os cemitérios eram dos lugares menos assombrados do mundo. Pensou nas bocas abertas dos fantasmas, naquele zumbido horrível de insetos. Algo tinha tentado entrar à força no círculo de giz. Pelo menos, assim parecia. Os Pardos — fantasmas — eram inofensivos. Na maioria das vezes. Exigia deles um grande esforço para assumir qualquer tipo de forma no mundo mortal. Conseguiram atravessar o derradeiro Véu? Tornar-se físicos, sólidos ao toque? Capazes de causar danos? Sim. Alex sabia disso. Mas era quase impossível.

Mesmo assim, já se tinham realizado centenas de rituais de previsão naquele recinto e ela nunca tinha ouvido falar de nenhum Pardo a assumir uma forma corpórea ou a interferir. A que se deveria aquela mudança de comportamento?

Se é que mudou.

A maior dádiva da Lethe dada a Alex não foi a bolsa integral para frequentar Yale, o novo começo que apagou o seu passado como um ácido. Foi o conhecimento, a certeza de que as coisas que ela via eram reais e sempre tinham sido. Mas já tinha vivido demasiado tempo a ponderar se seria louca

para parar agora. Darlington teria acreditado nela. Ele sempre acreditou. Só que Darlington tinha partido.

Não para sempre, disse a si mesma. Dali a uma semana, a lua nova haveria de nascer e eles trá-lo-iam de volta.

Alex pousou os dedos no corrimão rachado, já a pensar em como descreveria o ritual de previsão nos registos da Casa Lethe. O reitor Sandow revia tudo, e ela não estava de todo interessada em chamar a atenção dele para algo fora do comum. Além disso, esquecendo a parte em que um homem indefeso teve as suas entranhas reorganizadas, não se pode dizer que tenha acontecido algo de anormal.

Quando Alex saiu da passagem para o corredor, Tripp Helmuth endireitou-se subitamente da sua postura desleixada.

— Eles já estão a terminar? — Alex assentiu e inspirou fundo o ar relativamente puro, ansiosa por sair dali. — É nojento, não é? — perguntou ele, com um sorriso malicioso. — Se quiseres, posso passar-te algumas das dicas quando forem transcritas. Para aliviar um pouco o peso dos empréstimos estudantis.

— Que sabes tu sobre empréstimos estudantis? — As palavras saíram antes que pudesse travá-las. Darlington não aprovaria. Alex devia ser cortês, distante, diplomática. Fosse como fosse, ela não deixava de ser uma hipócrita. A Lethe tinha garantido que ela se formaria isenta de qualquer dívida — isto se conseguisse sobreviver a quatro anos de exames, trabalhos e noites como aquela.

Tripp ergueu as mãos em sinal de rendição, gesto que sublinhou com um riso nervoso.

— Calma, só estou a tentar sobreviver. — Tripp fazia parte da equipa de vela, era um Bonesman de terceira geração, um cavalheiro e um académico, um Golden Retriever de raça pura — pateta, refulgente e caro. Estava desgrenhado e corado como um bebé saudável, com cabelo loiro e pele ainda bronzeada da ilha onde tinha passado as férias de inverno. Tinha a serenidade de alguém que sempre esteve e sempre estaria *bem*, um rapaz com mil segundas oportunidades. — Estamos bem? — perguntou, pressuroso.

— Estamos bem — disse Alex, embora não estivesse nada bem. Ainda podia sentir o eco daquele gemido a preencher os seus pulmões, a sacudir o interior do seu crânio. — Está muito abafado aqui dentro.

— Podes crer — concordou Tripp, muito empático. — Às tantas, até foi bom ter ficado aqui fora a noite toda. — Ele não parecia convencido.



— O que foi isso no braço? — Alex reparou num pedaço de ligadura a aparecer por baixo do anoraque dele.

Ele puxou a manga para cima e revelou um pedaço de película aderente gorduroso colado na parte interior do antebraço.

— Eu e mais uns quantos fizemos tatuagens hoje.

Alex olhou com mais atenção: um bulldog arrogante a irromper de um grande Y azul. O equivalente dos «manos-alfa» de *melhores amigos para sempre!*

— Fixe — mentiu ela.

— Tens alguma tatuagem? — Os seus olhos sonolentos percorreram o corpo dela, numa tentativa de descascar as camadas de roupa de inverno, não muito diferente dos falhados que ficaram a rondar o Ground Zero, com os dedos a roçar a sua clavícula e os seus bíceps, a traçar as formas ali desenhadas. *E o que significa esta?*

— Não. Não é a minha cena. — Alex enrolou o cachecol no pescoço. — Amanhã, vou à enfermaria ver como está o Reyes.

— Hã? Ah, sim. Boa. A propósito, onde está o Darlington? Já começou a impingir-te os trabalhos da treta?

Tripp tolerava Alex, tentava ser amigo dela porque gostava de receber festas de todos aqueles com quem se cruzava, mas gostava mesmo de Darlington.

— Está em Espanha — foi a resposta que tinha sido instruída a dar.

— Fixe. Diz-lhe *buenos días*.

Se Alex pudesse ter dito alguma coisa a Darlington, teria sido: *Volta*. Tê-lo-ia dito em inglês e espanhol. Teria usado o imperativo.

— *Adiós* — disse ela a Tripp. — Diverte-te na festa.

Assim que saiu do edifício, Alex tirou as luvas e desembrolhou dois rebuçados de gengibre, que meteu na boca. Estava farta de pensar em Darlington, mas o cheiro do gengibre, o calor que ele criava na parte de trás da sua garganta, só o tornava mais vivo na sua mente. Viu o corpo longo dele estendido diante da grande lareira de pedra em Black Elm. Ele tinha tirado as botas e deixado as meias a secar na lareira. Estava deitado de costas, de olhos fechados, com a cabeça apoiada nos braços e os dedos dos pés a mexerem-se ao ritmo da música que flutuava pela sala, uma peça clássica que Alex não conhecia, densa com o som de trompas que deixavam crescentes enfáticos de melodia a pairar no ar.

Alex estava no chão ao lado dele, com os braços cruzados à volta dos joelhos, as costas pressionadas contra a base de um sofá velho, a tentar

parecer descontraída e parar de olhar para os pés dele. Eles pareciam tão *nus*. Darlington tinha enrolado as calças de ganga pretas, mantendo a humidade afastada da pele, e aqueles pés brancos e delgados, com pelos nos dedos, fizeram-na sentir-se um pouco obscena, como uma depravada em tons sépia excitada com o vislumbre de um tornozelo.

Vai-te foder, Darlington. Voltou a calçar as luvas.

Por instantes, ficou paralisada. Devia voltar para a Casa Lethe e escrever o relatório para o reitor Sandow rever, mas o que ela queria mesmo era meter-se na cama de baixo do beliche estreito que dividia com Mercy e dormir o máximo que pudesse antes da aula. Àquela hora, não precisaria de dar desculpas a colegas de quarto curiosas. Mas se dormisse na Lethe, Mercy e Lauren haveriam de querer saber onde e com quem ela tinha passado a noite.

Darlington tinha sugerido inventar um namorado para justificar as suas longas ausências e noites fora.

— Se fizer isso, a dada altura terei de apresentar um ser humano em forma de rapaz que me faça olhinhos de carneiro mal morto — respondeu Alex, frustrada. — Como conseguiste safar-te nos últimos três anos?

Darlington limitara-se a encolher os ombros.

— Os meus colegas de quarto achavam que eu era um engatão. — Se os olhos de Alex se tivessem revirado mais, ela ficaria a olhar para trás. — Pronto, pronto. Disse-lhes que fazia parte de uma banda, juntamente com alguns rapazes da UConn, e que dávamos muitos concertos.

— Mas tocas algum instrumento?

— Claro.

Violoncelo, contrabaixo, guitarra, piano e um instrumento chamado oud.

Com sorte, Mercy já estaria a dormir profundamente quando Alex voltasse para o quarto, o que lhe permitiria entrar sorrateiramente para ir buscar os produtos de banho e percorrer o corredor sem que dessem por ela. Seria complicado. Sempre que se interferia no Véu entre este mundo e o outro, ficava um cheiro desagradável que era uma mistura do estalo elétrico do ozono após uma tempestade com o cheiro de uma abóbora deixada durante muito tempo no parapeito da janela. A primeira vez que ela cometeu o erro de voltar para o quarto sem tomar banho, teve de mentir e dizer que tinha escorregado num monte de lixo. Mercy e Lauren riram-se disso durante semanas.

Alex pensou no chuveiro sujo que a esperava no dormitório... e depois em mergulhar na enorme banheira antiga com pés em forma de garra na casa de banho imaculada do Il Bastone, onde havia ainda uma cama de dossel tão alta que ela tinha de se içar para conseguir subir. Supostamente, a Lethe tinha casas seguras e esconderijos por todo o campus de Yale, mas as duas que Alex conhecia eram a Gaiola e Il Bastone. A Gaiola ficava mais perto do dormitório de Alex e da maioria das suas salas de aula, mas era apenas um conjunto de quartos mal amanhados e confortáveis por cima de uma loja de roupa, onde não faltavam pacotes de batatas fritas e as barritas proteicas de Darlington; um sítio para fazer uma sesta rápida no sofá com molas soltas. Il Bastone era algo especial: uma mansão de três andares a quase um quilómetro e meio do centro do campus, que servia como sede da Lethe. Oculus estaria à espera esta noite, com os candeeiros acesos, uma bandeja com chá, brandy e sandes. Era uma tradição, mesmo que Alex não aparecesse para aproveitar. Mas o preço a pagar por todo aquele luxo seria lidar com Oculus, e ela sabia que não aguentaria os silêncios tensos de Dawes. O melhor seria mesmo voltar para o dormitório com o cheiro do trabalho da noite entranhado no corpo.

Alex atravessou a rua e voltou pela rotunda. Era difícil não ficar a olhar para trás, não pensar nos Pardos parados na orla do círculo com as bocas abertas, buracos negros de onde emanava aquele zumbido baixo. O que teria acontecido se aquele corrimão se tivesse partido, se o círculo de giz não tivesse resistido? O que os tinha provocado? Ela teria força ou conhecimentos para os deter? *Pasa punto, pasa mundo.*

Alex apertou o casaco e enterrou a cara no cachecol, a respiração húmida contra a lã, e passou a correr pela Biblioteca Beinecke.

— Não queiras ficar trancada lá dentro durante um incêndio, uma vez que todo o oxigénio do espaço será sugado — afirmara Lauren. — Para proteger os livros.

Alex sabia que era mentira. Darlington desmentira-a. Ele conhecia a verdade sobre o edifício, todas as suas facetas, que tinha sido construído de acordo com o ideal platónico (o edifício era um templo), com as mesmas proporções usadas por alguns tipógrafos para as suas páginas (o edifício era um livro), que o mármore tinha sido extraído em Vermont (o edifício era um monumento). A entrada fora projetada de modo que apenas uma pessoa pudesse entrar de cada vez, passando pela porta giratória como um suplicante. Lembrava-se de Darlington a calçar as luvas brancas usadas para manusear

manuscritos raros, os seus dedos longos pousados com reverência sobre a página; a mesma reverência com que Len mexia no dinheiro.

Havia uma sala em Beinecke, escondida no... ela não se lembrava em que andar. E mesmo que se lembrasse, não teria ido para lá. Não tinha coragem de descer até ao pátio, tocar na janela com os dedos seguindo o padrão secreto e entrar no escuro. Aquele sítio era muito especial para Darlington. Não havia sítio mais mágico. Não havia sítio no campus onde ela se sentisse mais como uma fraude.

Alex pegou no telemóvel para verificar as horas, na esperança de que não passasse muito das três. Se conseguisse tomar banho e deitar-se às quatro, ainda teria três horas e meia antes de ter de se levantar e atravessar o campus novamente para a aula de Espanhol. Era essa a matemática que fazia todas as noites, a cada instante. Quanto tempo para tentar fazer o trabalho? Quanto tempo para descansar? Mas nunca conseguia cumprir os horários. Ia-se aguentando à justa, tentava esticar o orçamento, mas ficava sempre um pouco aquém, e sentia o pânico agarrar-se a si, a perseguir cada um dos seus passos.

Olhou para o ecrã brilhante e praguejou. Uma catadupa de mensagens. Tinha colocado o telemóvel no modo silencioso durante o ritual e esquecera-se de voltar a ligá-lo.

As mensagens eram todas da mesma pessoa: Oculus, Pamela Dawes, a aluna de pós-graduação que tratava da manutenção das residências da Lethe e servia como assistente de pesquisa. *Pammie*, embora apenas Darlington a tratasse assim.

Entra em contacto.

Entra em contacto.

Entra em contacto.



As mensagens foram enviadas com intervalos exatos de 15 minutos. Ou Dawes estava a seguir algum tipo de protocolo ou era ainda mais rígida do que Alex pensava.

Alex ponderou ignorar as mensagens. Mas era quinta-feira à noite, a noite em que as sociedades se reuniam, e isso significava que algum idiota tinha feito asneira. Tanto quanto sabia, os idiotas metamorfos da Wolf's Head tinham-se transformado numa manada de búfalos e atropelado um grupo de alunos que saíam de Branford.

Colocou-se atrás de uma das colunas que sustentavam o cubo da Beinecke para se proteger do vento e ligou.

Dawes atendeu ao primeiro toque.

— Fala Oculus.

— Daqui Dante — disse Alex, sentindo-se uma idiota. Ela era Dante. Darlington era Virgílio. Era assim que a Lethe devia funcionar até Alex chegar ao último ano e assumir o título de Virgílio para orientar um caloiro recém-chegado. Tinha acenado com a cabeça e correspondido ao ligeiro sorriso de Darlington quando ele a informara dos seus nomes de código — tinha-se referido aos mesmos como «cargos» — fingindo que ela tinha percebido a piada. Mais tarde, Alex fez uma pesquisa e descobriu que Virgílio tinha sido o guia de Dante quando ele desceu ao inferno. Mais uma piada da Casa Lethe que lhe passava ao lado.

— Há um corpo no Payne Whitney — disse Dawes. — O Centurião está no local.

— Um corpo — repetiu Alex, enquanto ponderava se o cansaço tinha prejudicado a sua capacidade de compreender a linguagem humana mais básica.

— Sim.

— Mas o quê, um cadáver?

— Sim. — Dawes estava claramente a tentar parecer calma, mas a sua respiração ficou presa, transformando aquela única sílaba num soluço musical.

Alex encostou as costas à coluna, e sentiu o frio da pedra a penetrar o casaco e uma onda de adrenalina furiosa a percorrer o seu corpo.

Estás a gozar comigo? Foi o que lhe apeteceu perguntar. Era isso que sentia. Que estava a ser provocada. Como se ainda fosse aquela criança estranha que falava sozinha, que estava tão desesperada por amigos que assentiu quando Sarah McKinney lhe implorou:

— Podes ir ter comigo ao Tres Muchachos depois da escola? Quero ver se consegues falar com a minha avó. Costumávamos ir lá muitas vezes e tenho muitas saudades dela.

A criança que ficou sozinha do lado de fora do restaurante mexicano mais nojento do zona de restauração mais nojento de Valley até ter de ligar à mãe a pedir que a fosse buscar, porque ninguém tinha aparecido. Claro que não.

Isto é real, lembrou a si mesma. E Pamela Dawes podia ser muitas coisas, mas não era uma idiota como Sarah McKinney.

O que significava que alguém estava morto.

E que ela tinha de fazer alguma coisa?

— Hã... foi um acidente?

— Possível homicídio. — Dawes parecia estar à espera da pergunta.

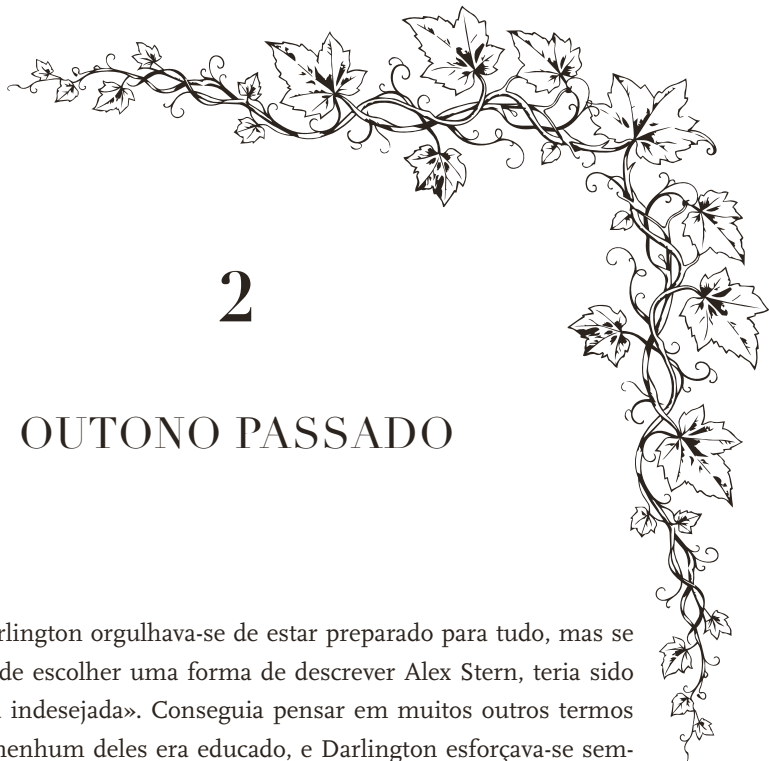
— OK — disse Alex, porque não sabia o que mais dizer.

— OK — respondeu Dawes, constrangida. Já tinha dito a sua deixa e agora estava pronta para sair de cena.

Alex desligou e ficou parada no silêncio sombrio e ventoso da praça vazia. Tinha-se esquecido de pelo menos metade do que Darlington tentara ensinar-lhe antes de desaparecer, mas tinha a certeza de que ele não tocara no tema dos homicídios.

Ela não sabia porquê. Se a ideia era descerem juntos ao inferno, o homicídio parecia ser um bom ponto de partida.





2

OUTONO PASSADO

Daniel Arlington orgulhava-se de estar preparado para tudo, mas se tivesse de escolher uma forma de descrever Alex Stern, teria sido «uma surpresa indesejada». Conseguiu pensar em muitos outros termos para ela, mas nenhum deles era educado, e Darlington esforçava-se sempre para ser educado. Se tivesse sido criado pelos pais — o pai diletante e a mãe loquaz, mas brilhante —, talvez tivesse prioridades diferentes, mas tinha sido criado pelo avô, Daniel Tabor Arlington III, que acreditava que a maioria dos problemas podia ser resolvida com uísque maturado em carvalho, muito gelo e bons modos impecáveis.

O avô nunca conhecera Galaxy Stern.

Darlington foi à procura do quarto de Alex no primeiro andar do dormitório Vanderbilt num dia quente e desagradável na primeira semana de setembro. Podia ter esperado que ela se apresentasse na casa na Orange Street, mas quando ele próprio era caloiro, a sua mentora, a inimitável Michelle Alameddine, que servira como sua Virgílio, deu-lhe as boas-vindas a Yale e aos mistérios da Casa Lethe indo ao seu encontro no dormitório dos caloiros do Old Campus. Darlington estava determinado a fazer as coisas bem, mesmo que tudo o que dizia respeito à situação de Stern tivesse começado de forma errada.

Ele não tinha escolhido Galaxy Stern como sua Dante. Na verdade, só por existir, ela tinha-o privado de algo por que tinha ansiado durante os três anos que passara na Lethe: o momento em que passaria o testemunho do cargo que adorava a alguém, em que desvendaria os mistérios do mundo comum a uma alma digna, mas ingénua. Apenas alguns meses antes, ele

tinha descarregado e empilhado as caixas cheias de inscrições de caloiros no salão de Black Elm, eufórico, determinado a ler ou pelo menos a dar uma vista de olhos às mais de 1800 fichas, antes de fazer as suas recomendações aos ex-alunos da Casa Lethe. Seria justo, imparcial e metucioso e, no final, escolheria 20 candidatos para o papel de Dante. Em seguida, a Lethe examinaria os antecedentes dos candidatos, verificaria potenciais riscos para a saúde, sinais de doença mental e vulnerabilidades financeiras, antes de tomar uma decisão final.

Darlington tinha criado um plano para o número de inscrições que teria de analisar por dia, de modo a ter as manhãs livres para trabalhar na propriedade e as tardes para dedicar ao seu emprego no Museu Peabody. Naquele dia de julho, estava adiantado em relação ao plano — já ia na candidatura número 324: Mackenzie Hoffer, 800 em Língua, 720 em Matemática; nove disciplinas avançadas no terceiro ano; blogue sobre a Tapeçaria de Bayeux em inglês e francês. Parecia promissora até ler o seu ensaio, no qual ela se comparava a Emily Dickinson. Darlington tinha acabado de atirar a ficha para a pilha dos rejeitados quando o reitor Sandow ligou a dizer que a busca tinha terminado. Tinham encontrado a candidata. Os ex-alunos foram unânimes.

Darlington quis protestar. Quis até partir qualquer coisa. Em vez disso, arrumou o monte de fichas à sua frente e disse:

— Quem é? Tenho aqui todas as fichas.

— Não tem a ficha dela. Ela não se candidatou. Nem sequer terminou o secundário. — Antes que Darlington pudesse expressar a sua indignação, Sandow acrescentou — Daniel, ela consegue ver Pardos.

Darlington fez uma pausa, com a mão ainda sobre a ficha de Mackenzie Hoffer (dois verões com a Habitat for Humanity). Não era apenas o som do seu nome, algo que Sandow raramente usava. *Ela consegue ver Pardos*. A única forma que os vivos tinham de ver os mortos era através da ingestão de Orozcerio, um elixir de extrema complexidade cuja criação exigia uma competência perfeita e atenção aos pormenores.

Ele próprio tentara quando tinha 17 anos, antes de ouvir falar da Lethe, quando apenas desejava que pudesse haver mais neste mundo do que o tinham levado a acreditar. Os seus esforços resultaram numa ida às Urgências e no sangramento pelos ouvidos e olhos durante dois dias.

— Ela conseguiu preparar o elixir? — perguntou, entusiasmado e até mesmo um pouco invejoso, não tinha problemas em admiti-lo.

Seguiu-se um silêncio, suficientemente longo para Darlington ter tempo de desligar a luz da secretária do avô e sair para o alpendre das traseiras de Black Elm. Dali, conseguia ver a suave inclinação das casas que se estendiam de Edgewood até ao campus e, mais além, o Long Island Sound. Todas as terras até à Central Avenue já tinham feito parte de Black Elm, antes de serem vendidas em parcelas, à medida que a fortuna dos Arlington diminuía. A casa, os jardins de rosas e o labirinto agora selvagem na orla da floresta eram tudo o que restava — e só restava ele para cuidar, podar e devolver a vida à propriedade. O lusco-fusco estava a instalar-se, um longo e lento crepúsculo de verão, pontuado por mosquitos e pela luz dos pirilampus. Avistou o ponto de interrogação da cauda branca de Cosmo enquanto o gato avançava rente às ervas altas, porventura em perseguição de uma qualquer pequena criatura.

— Sem elixir — constatou Sandow. — Ela consegue vê-los, pura e simplesmente.

— Ah — disse Darlington, enquanto via um tordo a bicar sem grande empenho a base partida do que outrora fora a fonte em forma de obelisco. Não havia mais nada a dizer. Embora a Lethe tivesse sido criada para supervisionar as atividades das sociedades secretas de Yale, a sua missão secundária era desvendar os mistérios do que estava além do Véu. Durante anos, os seus membros documentaram histórias de pessoas que podiam ver fantasmas, algumas confirmadas, outras pouco mais do que rumores. Por isso, se o conselho tinha encontrado uma rapariga capaz de tais feitos que podia ser vinculada a eles... caso encerrado. Só podia ser para ele um prazer conhecê-la.

Mas o que ele queria era apanhar uma bebedeira.

— Isto agrada-me tanto a mim como a si — disse Sandow. — Mas conhece a nossa posição. Este é um ano importante para a Lethe. Precisamos que todos estejam felizes. — A Lethe era responsável por vigiar as Casas do Véu, mas também dependia delas para se financiar. Este era um ano de renovação e as sociedades estavam há tanto tempo sem incidentes que havia rumores de que talvez não devessem usar o seu dinheiro para continuar a apoiar a Lethe. — Vou enviar-lhe a ficha dela. Ela não é... Ela não é a Dante que poderíamos querer, mas tente manter a mente aberta.

— Claro — disse Darlington, porque era isso que um cavalheiro faria. — Claro que sim.

Tentou acreditar nas próprias palavras. Mesmo depois de ler a ficha dela, mesmo depois de assistir à conversa entre ela e Sandow gravada num

hospital em Van Nuys, na Califórnia, de ouvir o som rouco e quebrado da sua voz, ele tentou. Ela tinha sido encontrada nua e em coma no local de um crime, ao lado de uma rapariga que não teve a sorte de sobreviver ao fentanil que ambas ingeriram. Os pormenores eram mais sórdidos e tristes do que ele poderia imaginar, e tentou sentir pena dela. A sua Dante, a rapariga a quem entregaria as chaves de um mundo secreto, era uma criminosa, uma toxicod dependente, alguém que tinha abandonado os estudos e que não dava importância àquilo a que ele dava valor. Mas ele tentou.

E mesmo assim, nada o preparou para o choque da presença dela naquela sala de estar degradada do edifício Vanderbilt. A sala era pequena, mas com pé-direito alto, com três janelas de grandes dimensões que davam para o pátio em forma de ferradura e duas portas estreitas que levavam aos quartos.

O espaço estava imerso no caos tranquilo típico da mudança dos caioiros: caixas no chão, sem móveis adequados, à exceção de um candeeiro bambo e de uma poltrona reclinável desgastada puxada contra a lareira, que há muito não cumpria a sua função principal. Uma loira musculada de calções de corrida — Lauren, presumiu (provavelmente, aluna de Medicina, boas notas, capitã da equipa de hóquei em campo no secundário em Filadélfia) — estava a montar um gira-discos pretensamente vintage na borda do banco da janela, com uma caixa de plástico com discos equilibrada ao lado. A poltrona reclinável também devia ser dela, transportada num camião de mudanças de Bucks County para New Haven. Anna Breen (Huntsville, Texas; bolsa de estudos em STEM; líder do coro) estava sentada no chão a tentar montar o que parecia ser uma estante. Aquela era uma rapariga que nunca se encaixaria totalmente. Acabaria por integrar um grupo coral ou talvez se envolvesse demasiado no quotidiano da sua igreja. O que não faria certamente era ir para a farra com as colegas de casa.

Foi quando as outras duas raparigas saíram de um dos quartos, arrastando desajeitadamente uma secretária danificada fornecida pela universidade.

— Isso tem mesmo de vir para a sala? — perguntou Anna, desagradada.

— Precisamos de mais espaço — disse uma rapariga com um vestido florido que Darlington sabia ser Mercy Zhao (piano; 800 em Matemática, 800 em Língua; ensaios premiados sobre Rabelais e uma comparação bizarra, mas interessante, de uma passagem de *O Som e a Fúria* com uma parte sobre uma pereira em *Os Contos de Cantuária*, que chamou a atenção dos departamentos de inglês de Yale e Princeton).

Galaxy Stern (sem diploma do ensino secundário, sem exames de equivalência, sem conquistas dignas de nota além de ter sobrevivido ao seu próprio infortúnio) emergiu do recanto escuro do quarto, vestida com uma camisola de mangas compridas e calças de ganga pretas totalmente desadequados para o calor, a equilibrar uma extremidade da secretária nos braços magros. A baixa qualidade do vídeo de Sandow tinha captado os fios lisos e brilhantes do cabelo preto, mas não a precisão rígida do risco ao meio, a qualidade oca dos seus olhos, mas não a mancha profunda da sua cor. Ela parecia subnutrida, as clavículas salientes como pontos de exclamação sob o tecido da camisola. Estava demasiado delineada, quase húmida, menos uma Undine a emergir das águas e mais uma Rusalka com dentes afiados.

Ou talvez só precisasse de comer qualquer coisa e de fazer uma longa sesta.

Muito bem, Stern. Vamos a isto.

Darlington bateu à porta, entrou na sala e abriu um sorriso largo, brilhante e acolhedor, enquanto elas pousavam a secretária no canto da sala de estar.

— Alex! A tua mãe disse para vir ver como estavas. Sou eu, o Darlington.

Por um breve instante, ela pareceu completamente perdida, até mesmo em pânico, mas depois retribuiu o sorriso.

— Olá! Não te reconheci.

Ótimo. Ela era adaptável.

— Apresenta-nos, por favor — disse Lauren, com um olhar interessado e avaliador. Tinha acabado de tirar o álbum *A Day at the Races*, dos Queen, da caixa.

Ele estendeu a mão.

— Sou o Darlington, primo da Alex.

— Também estás no JE? — perguntou Lauren.

Darlington lembrou-se da sensação imerecida de lealdade. No início do ano, todos os caloiros eram distribuídos por faculdades maiores, onde faziam a maioria das refeições e onde acabariam por dormir quando deixassem o Old Campus para trás, no segundo ano. Compravam cachecóis com as cores da sua faculdade e aprendiam os cânticos e os lemas correspondentes. Alex pertencia à Lethe, tal como Darlington, mas tinha sido destacada para a faculdade Jonathan Edwards, em homenagem ao pregador da desgraça.

— Estou no Davenport — disse Darlington. — Mas não moro no campus.





Ele gostava de morar no Davenport — o refeitório, o grande pátio relvado. Mas não gostava de ver Black Elm vazia, e o dinheiro que economizara em alojamento e alimentação tinha sido suficiente para reparar os danos causados pela água que tinha encontrado no salão na primavera passada. Além disso, Cosmo gostava da companhia.

— Tens carro? — perguntou Lauren. Mercy riu-se.

— Meu Deus, tu és ridícula.

Lauren encolheu os ombros.

— De que outra forma tencionas ir ao Ikea? Precisamos de um sofá. — Ela seria a líder deste grupo, a pessoa que sugeriria a que festas ir, que os convenceria a arranjar um espaço para servir bebidas alcoólicas como treats no Halloween.

— Lamento — respondeu ele com um sorriso condoído. — Não vos posso dar boleia. Pelo menos, hoje. — Nem em nenhum outro dia. — E tenho de levar a Alex.

Alex limpou as mãos nas calças de ganga.

— Estamos a tentar arrumar as tralhas — disse ela, hesitante, porventura esperançosa. Darlington conseguia ver as manchas de suor debaixo dos seus braços.

— Prometeste, lembraste? — disse ele com uma piscadela de olho. — E sabes como é a minha mãe com assuntos de família.

Ele viu um lampejo de rebeldia nos seus olhos brilhantes, mas ela limitou-se a responder:

— OK.

— Podes deixar já o dinheiro para o sofá? — perguntou Lauren a Alex, enquanto voltava a guardar o disco dos Queen na caixa. Darlington só esperava que não fosse o vinil original.

— Claro — disse Alex, antes de se virar para Darlington. — A tia Eileen disse que me compraria um sofá novo, certo?

O nome da mãe de Darlington era Harper, e ele duvidava que a senhora tivesse alguma vez ouvido falar no Ikea.

— Ela disse isso?

Alex cruzou os braços.

— Sim.

Darlington tirou a carteira do bolso de trás e retirou 300 dólares em dinheiro. Entregou o dinheiro a Alex, que o passou para Lauren.

— Não te esqueças de lhe escrever a agradecer — disse ele.

— Fica descansado — disse Alex. — Sei que ela é muito rigorosa com essas coisas.

Enquanto atravessavam os relvados do Old Campus, com as torres de tijoleira e as ameias do edifício Vanderbilt atrás deles, Darlington disse:

— Deves-me 300 dólares. Não vou pagar pelo teu sofá.

— Tens dinheiro para isso — disse Alex, friamente. — Acho que vens da parte rica da família, primo.

— Precisas de uma desculpa para justificar o facto de me ires ver tantas vezes.

— Tretas. Estavas a testar-me.

— Faz parte das minhas funções.

— Pensava que a tua função era ensinar-me. Não é a mesma coisa.

Pelo menos, ela não era estúpida.

— É justo. Mas as visitas à querida tia Eileen podem encobrir algumas das tuas noites fora.

— Estamos a falar até que horas?

Ele podia ouvir a preocupação na voz dela. Seria cautela ou preguiça?

— O que te disse o reitor Sandow?

— Pouca coisa. — Ela afastou o tecido da camisa da barriga para se refrescar.

— Porque estás vestida assim? — Não era sua intenção perguntar, mas ela parecia desconfortável: camisola preta abotoada até ao pescoço, o suor a espalhar-se em círculos escuros nas axilas, e completamente deslocada. Uma rapariga que conseguia mentir tão bem devia conseguir passar despercebida.

Alex lançou-lhe um olhar de soslaio.

— Sou muito recatada.

Darlington não teve resposta à altura, por isso apontou para um dos dois edifícios idênticos de tijoleira que ladeavam o caminho.

— Este é o edifício mais antigo do campus.

— Não parece antigo.

— Está bem conservado. Mas quase não sobreviveu. Houve quem achasse que desvirtuava o aspeto do Old Campus, por isso ainda pensaram em demoli-lo.

— Porque não o fizeram?

— Os livros atribuem o mérito a uma campanha de preservação, mas a verdade é que a Lethe descobriu que o edifício era uma trave-mestra.

— Hã?

— No sentido espiritual. Fazia parte de um antigo ritual de agregação que visava manter o campus seguro. — Viraram à direita e desceram por um caminho que os levaria até à ponte levadiça medieval de Phelps Gate. — Antigamente, a universidade era toda assim. Pequenos edifícios de tijoleira. Colonial. Muito parecida com Harvard. Após a Guerra Civil, foram eruidas muralhas. Agora, a maior parte do campus é construída assim, uma série de fortalezas, muradas e cercadas, um castelo.

O Old Campus era um exemplo perfeito, um enorme quadrilátero de dormitórios de pedra imponentes em torno de um enorme pátio ensolarado, aberto a todos — até que a noite caía e os portões se fechavam.

— Porquê? — perguntou Alex.

— Para manter a ralé afastada. Os soldados regressaram a New Haven vindos da guerra num estado selvagem, na sua maioria solteiros, muitos deles perturbados pelo conflito. Houve também uma onda de imigração. Irlandeses, italianos, escravos libertados, todos à procura de empregos na indústria. Yale não queria cá misturas. — Alex riu-se. — Achas piada?

Ela olhou para o edifício do seu dormitório.

— A Mercy é chinesa. Uma rapariga nigeriana mora ao nosso lado. Eu sou mestiça. A verdade é que todas acabámos por entrar aqui.

— Um cerco longo e lento. — A palavra *mestiça* pareceu um isco perigoso. Darlington observou o cabelo preto dela, os olhos pretos, a pele morena. Podia ser grega. Mexicana. Branca. — Mãe judia, sem referência ao pai, mas presumo que tenhas um.

— Nunca o conheci.

Havia ali mais qualquer coisa, mas ele não quis insistir.

— Todos temos espaços que deixamos em branco. — Chegaram a Phelps Gate, o grande arco ressoante que dava para a College Street e que os afastava da relativa segurança do Old Campus. Darlington não se quis distrair. Tinham muito terreno a percorrer, em termos literais e figurativos. — Este é o parque New Haven Green — anunciou, enquanto caminhavam por um dos carreiros de pedra. — Quando a colónia foi fundada, foi aqui que construíram a sua casa de reuniões. A cidade foi projetada para ser um novo Éden, fundada entre dois rios como o Tigre e o Eufrates.

Alex franziu a testa.

— Porquê tantas igrejas?

Havia três no parque, duas delas quase idênticas na sua configuração Federal, a terceira uma joia do período do Renascimento Gótico.

— Esta cidade tem uma igreja em quase todos os quarteirões. Ou tinha. Algumas delas vão encerrar. As pessoas simplesmente não as frequentam.

— Tu frequentas? — perguntou ela.

— E *tu*?

— Não.

— Pois eu, sim — disse ele. — É uma tradição familiar. — Viu o lampejo de juízo de valor nos olhos dela, mas não precisou de se explicar. Serviço religioso ao domingo, trabalho à segunda-feira. Era esse o lema dos Arlington. Quando Darlington fez 13 anos e anunciou que não se importaria de incorrer na ira de Deus se pudesse dormir até mais tarde, o avô agarrou-o por uma orelha e arrastou-o para fora da cama, apesar dos seus 80 anos.

«As tuas vontades não me interessam», disse ele. «O trabalhador acredita em Deus e espera o mesmo de nós, por isso veste-te e ala para a igreja ou apanhas uma surra.» Darlington obedeceu na altura e continuou a obedecer após a morte do avô.

— Foi neste parque que ergueram a primeira igreja e o primeiro cemitério da cidade. É uma fonte de enorme poder.

— Sim... sem dúvida.

Ele percebeu que os ombros dela estavam descontraídos. A sua passada tinha mudado. Alex já não parecia tanto uma mulher a preparar-se para sofrer um soco. Darlington tentou não parecer demasiado ansioso.

— O que vês? — Ela não respondeu. — Sei do que és capaz. Não é segredo.

O olhar de Alex continuou distante, quase desinteressado.

— Isto aqui está vazio. Nunca vejo grande coisa em cemitérios e afins.

E afins. Darlington olhou à volta, mas só viu o que qualquer outra pessoa veria: alunos, funcionários do tribunal ou das lojas ao longo da Chapel, a aproveitar o sol à hora de almoço.

Sabia que os carreiros que pareciam dividir o parque arbitrariamente tinham sido traçados por um grupo de maçons para tentar apaziguar e conter os mortos quando o cemitério foi transferido para alguns quarteirões de distância. Sabia que as linhas de uma bússola — ou de um pentagrama, dependendo do interlocutor — eram visíveis do ar. Sabia em que local tinha tombado o carvalho Lincoln após o furacão Sandy, revelando um esqueleto humano emaranhado nas suas raízes, um dos muitos corpos que nunca foram transferidos para o cemitério da Grove Street. Ele via a cidade de forma

diferente porque a conhecia, e o seu conhecimento não era casual. Era adoração. Mas não havia amor que lhe permitisse ver os Pardos. Pelo menos, não sem Orozcerio, sem outra dose da Taça Dourada. Estremeceu. Cada dose era um risco, uma oportunidade de o seu corpo dizer *basta*, de um dos seus rins entrar em falência.

— Faz sentido que não os vejas aqui — disse ele. — Há coisas que os atraem para cemitérios e túmulos, mas, regra geral, eles mantêm-se afastados.

Tinha conseguido captar a atenção dela. Um interesse concreto refulgiu no seu olhar, o primeiro indício de algo mais do que uma contenção atenta.

— Porquê?

— Os Pardos apreciam a vida e tudo o que lhes lembra estarem vivos. Sal, açúcar, suor. Lutar e foder, lágrimas e sangue e dramas humanos.

— Pensava que o sal os mantinha afastados.

Darlington ergueu uma sobrancelha.

— Viste isso na televisão?

— Ficarias mais contente se dissesse que li num livro antigo?

— Para ser sincero, sim.

— Temos pena.

— O sal é purificador — disse ele, enquanto atravessavam Temple Street —, por isso é bom para expulsar demónios, embora, com muita pena minha, nunca tenha tido essa honra. Mas no que toca aos Pardos, fazer um círculo de sal é o equivalente a deixar um bloco de sal para os veados lamberem.

— Então, o que os mantém afastados?

A necessidade permeava-lhe as palavras. Era então neste ponto que residia o seu interesse.

— Pó de ossos. Terra de cemitério. Restos de cinzas de crematório. *Memento mori*. — Darlington olhou para ela. — Sabes latim? — Ela abanou a cabeça. Claro que não. — Eles detestam lembranças da morte. Se quiseres proteger o teu quarto dos Pardos, pendura uma gravura de Holbein. — Tinha dito aquilo como uma piada, mas percebeu que ela estava a pensar no que ele tinha dito, a memorizar o nome do artista. Darlington sentiu uma pontada aguda de culpa que não lhe agradou. Estava tão ocupado a invejar as capacidades daquela rapariga que nem sequer tinha pensado em como seria se nunca pudesse fechar a porta aos mortos. — Posso proteger o teu quarto — sugeriu, como forma de penitência. — Todo o dormitório, se quiseres.



— Podes fazer isso?

— Sim — assentiu. — E posso mostrar-te como fazer isso.

— Conta-me o resto — instou Alex. Longe da caverna escura dos dormitórios, o suor tinha-se formado numa camada brilhante sobre o nariz e a testa dela, acumulando-se na covinha acima do lábio superior. A camisa acabaria por ficar encharcada, e ele podia ver que Alex estava constringida com isso pela maneira como mantinha os braços rígidos ao lado do corpo.

— Leste *A Vida de Lethe*?

— Sim.

— A sério?

— Assim por alto.

— Lê — disse ele. — Compilei uma lista de outros materiais que vão ajudar-te a ficar a par de tudo. São sobretudo histórias de New Haven e documentos que redigimos sobre as sociedades.

Alex abanou a cabeça com veemência.

— Não, diz-me o que me espera aqui... contigo.

Pergunta difícil de responder. Nada. Tudo. A Lethe devia ser uma dádiva, mas será que ela a veria assim? Havia demasiada informação para transmitir.

Saíram do parque e ele viu a tensão voltar aos ombros dela, embora não houvesse nada que os seus olhos pudessem ver que justificasse a postura. Passaram pela fileira de edifícios de bancos, aglomerados ao longo da Elm Street, que se erguiam sobranceiros à Kebabian's, a pequena loja de tapetes vermelha que, de alguma forma, prosperava em New Haven há mais de cem anos, e depois viraram à esquerda na Orange. Estavam apenas a alguns quarteirões do campus propriamente dito, mas pareciam quilómetros. A agitação da vida estudantil desaparecera, como se entrar na cidade fosse o mesmo que cair de um penhasco. As ruas eram uma mistura do novo e do antigo: moradias tenuemente desgastadas pelo tempo, parques de estacionamento áridos, uma sala de concertos cuidadosamente restaurada, o gigantesco arranha-céus da Autoridade de Habitação.

— Porquê aqui? — perguntou Alex quando Darlington não respondeu à sua pergunta anterior. — O que há neste lugar que os atrai?

A resposta curta seria: *Sabe-se lá*. Mas Darlington duvidava que isso lhes desse, a ele e à própria Lethe, muita credibilidade.

— No início do século XIX, a magia começou a mudar-se do velho para o novo mundo, abandonando a Europa juntamente com os seus praticantes, que precisavam de um sítio para armazenar o conhecimento e preservar as

suas práticas. Ninguém sabe ao certo porque é que a coisa pegou em New Haven. A verdade é que eles tentaram noutros locais — disse Darlington com algum orgulho. — Cambridge. Princeton. New Haven foi onde a magia se fixou, onde se manteve e criou raízes. Algumas pessoas acham que é porque o Véu é mais fino aqui, mais fácil de atravessar. Já percebes porque foste tão cobiçada pela Lethe. — *Pelo menos, por parte da Lethe.* — Podes proporcionar-nos respostas. Há Pardos que estão aqui há muito mais tempo do que a universidade.

— E esses praticantes acharam que seria boa ideia ensinar toda essa magia a um bando de universitários?

— O contacto com o sobrenatural tem um preço. Quanto mais velho se fica, mais difícil é suportar esse contacto. Por isso, todos os anos, as sociedades reabastecem o suprimento com uma nova remessa, uma nova delegação. A magia é, literalmente, uma arte em extinção, e New Haven é um dos poucos lugares no mundo onde ela ainda pode ganhar vida.

Alex manteve-se em silêncio. Estaria assustada? Ótimo. Talvez isso a motivasse a ler os livros que ele indicou, em vez de se limitar a dar uma vista de olhos.

— Neste momento, há mais de cem sociedades em Yale, mas não nos preocupamos com a maioria delas. Reúnem-se para jantares, contam as suas histórias de vida, fazem algum serviço comunitário. São as Oito Antigas que nos interessam. As sociedades secretas. As Casas do Véu. As que ainda preservam os seus túmulos.

— Túmulos?

— Aposto que já viste alguns. Clubes, embora pareçam mais mausoléus.

— Porque não damos importância às outras sociedades? — perguntou ela.

— Damos importância ao poder, e o poder está ligado ao lugar. Cada uma das Casas do Véu cresceu em torno de um ramo do arcano e dedica-se a estudá-lo, e cada uma construiu o seu túmulo sobre um nexo de poder. À exceção da Berzelius, e ninguém dá importância à Berzelius. — Fundaram a sociedade numa resposta direta à crescente presença de magia em New Haven, alegando que as outras Casas eram impostoras e diletantes supersticiosas, e investindo em novas tecnologias e na filosofia de que a única magia verdadeira era a ciência. Conseguiram sobreviver à queda da Bolsa de Valores de 1929 sem a ajuda das previsões e aguentaram-se até à crise de 1987, altura em que foram quase extintos. Ao que parece, a única magia verdadeira é a magia.

— Um *nexo* — repetiu Alex. — Estão por todo o campus? Os tais...
nexosos...

— Nexos. Pensa na magia como um rio. Os nexos são onde o poder se concentra, e é isso que permite que os rituais das sociedades resultem. Mapeámos 12 na cidade. Há túmulos construídos em cima de oito. Os outros estão em locais onde já existem estruturas, como a estação ferroviária, e onde seria impossível construir. Algumas sociedades perderam os seus túmulos ao longo do tempo. Podem estudar até se fartarem, mas assim que perdem essa ligação, não há muito mais a fazer.

— E estás a dizer-me que tudo isto acontece há mais de cem anos e nunca ninguém descobriu?

— As Oito Antigas formaram alguns dos homens e mulheres mais poderosos do mundo. Pessoas que literalmente dirigem governos, a riqueza das nações, que moldam a cultura. Lideraram tudo, desde as Nações Unidas ao Congresso, ao *The New York Times* e ao Banco Mundial. Manipularam quase todas as World Series, seis Super Bowls, os Oscars e pelo menos uma eleição presidencial. Há centenas de sites dedicados a denunciar as suas ligações aos maçons, aos Illuminati, ao Grupo Bilderberg, a lista é extensa.

— Se eles se reunissem no Denny's em vez de em mausoléus gigantes, talvez não precisassem de se preocupar com isso.

Entretanto, já tinham chegado a Il Bastone, a Casa Lethe, três andares de tijoleira e vitrais, construída por John Anderson em 1882 por uma quantia exorbitante e abandonada apenas um ano depois. Anderson alegou que o motivo eram os elevados impostos municipais. Os registos da Lethe contavam uma história diferente, que envolvia o seu pai e o fantasma de uma vendedora de charutos. Il Bastone não era imponente como Black Elm. Era uma mansão urbana, ladeada por outras propriedades, alta, mas contida na sua grandiosidade.

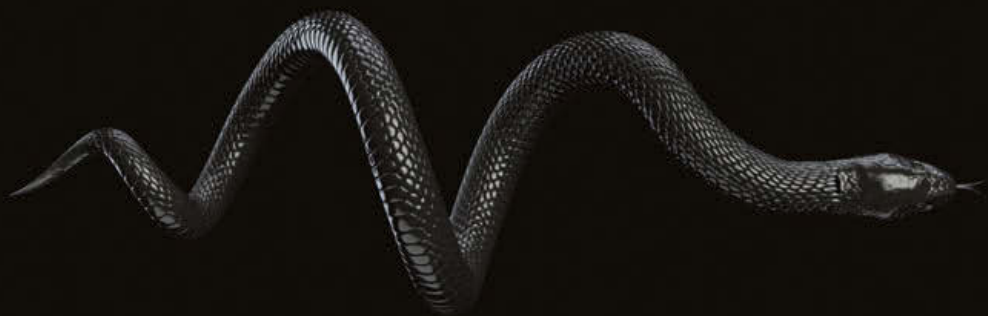
— Eles não estão preocupados — disse Darlington. — Apreciam todas as teorias da conspiração e os malucos que usam chapéus de alumínio.

— Porque gostam de se sentir interessantes?

— Porque o que fazem realmente é muito pior. — Darlington empurrou o portão de ferro forjado preto e viu o alpendre da casa antiga endireitar-se ligeiramente, como se antecipasse a visita. — Tu primeiro.

Assim que o portão se fechou, a escuridão envolveu-os. Algures debaixo da casa, emergiu um uivo, agudo e faminto. Galaxy Stern tinha perguntado o que a esperava. Estava na altura de lhe mostrar.

QUERO
SOBREVIVER
A ESTE MUNDO
QUE TEIMA
EM TENTAR
DESTRUIR-ME.



OTHER SIDE

é uma coleção **SECRET SOCIETY**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[secretocietypt](https://www.instagram.com/secretocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/secretocietypt)

ISBN: 978-989-589-487-1



9 789895 894871

